

ROMANÇO MOÇARÁBICO

Este artigo apareceu a lume a primeira vez na *Rev. Lusit.*, xi, 354, e de lá se transcreve para aqui.

## ROMANÇO MOÇARÁBICO

Todo o território que hoje se chama *Portugal* foi muito habitado na época do domínio romano (do século III-II a. C. em diante), conforme o prova a Arqueologia e a História. Com êsse domínio coincidiu o uso do latim como língua falada. Quando vieram os Bárbaros (séc. V), o latim continuou a usar-se: temos bastantes testemunhos do uso dêle (epigráficos, numismáticos, etc.). Após a chegada dos Árabes (séc. VIII), e durante a sua dominação no Sul até o século XIII, a língua que antes dêles aí se falava não desapareceu, porque, a História nos testemunha lá a existência de Moçárabes (1). Essa língua devia ser uma evolução do latim, e constituir um romanceo especial. Quais os seus caracteres? Em que se diferenciava da do Norte e Centro? Faltam-nos testemunhos antigos, como, por exemplo, a respeito do Minho, mas o onomástico e os dialectos populares da Estremadura, Alentejo, e Algarve poderão elucidar-nos algo.

Já na *Rev. Lusit.*, II, 31, se é boa a minha explicação, citei *caivêra*, palavra alentejana irreductível a *càveira*: ela deve provir do romanceo moçarábico-meridional de que acima falei. No mesmo caso estará o nome topográfico *Defesa*, que, segundo a *Chorographia* de Baptista e o *Diccionario Postal* de Silva Lopes, só

existe no Sul, ao passo que, segundo as mesmas obras, no Norte e na Beira só existe *Devesa*; cfr. *Dehesa* em hespanhol, a par de *Debesa* em galego. Palavras latinas do Sul, implantadas aí antes dos Árabes, e mantidas até hoje, são entre outras, também, como penso: *Cacela*, *Castro-Verde*, *Fontanas*, *Ròliça*. Talvez *Mértola*, com o seu *-l-*, e *Odiana*, com o seu *-n-*, sejam documentos da fonética do romance transtagano pré-português. Se palavras como *Beselga*, *Paderne*, *Vidigueira* são originárias do Sul, e não emigraram de outros pontos para lá, estão pois no mesmo caso.

O romance propriamente português, levado para o Sul pelos reconquistadores, desde o séc. XII, conquanto suplantasse o romance lá falado pelos Moçárabes, e devesse em grande parte absorver o que na gramática e no vocabulário lhe era semelhante, não apagaria naturalmente todos os elementos antigos.

Anotação:

(1) Herculano, *Hist. de Portugal*, III, 5.<sup>a</sup> ed., 171 ss. Cfr. Adolfo Coelho, *A língua portuguesa*, Pôrto 1887, pág. 126 ss.

(1908).